



Vannie Aurin P. da Gama

Sociedade de Tecnológica

Natureza, Modernidade
e os Anos de 2020

Irrigações através da diversa arte
visual contemporânea brasileira



DIALÉTICA
EDITORA

Sociedade de Tecnológica

Natureza, Modernidade e os
Anos de 2020

Irrigações através da diversa arte visual
contemporânea brasileira

CONSELHO EDITORIAL



Alexandre G. M. F. de Moraes Bahia
André Luís Vieira Elói
Antonino Manuel de Almeida Pereira
António Miguel Simões Caceiro
Bruno Camilloto Arantes
Bruno de Almeida Oliveira
Bruno Valverde Chahaira
Catarina Raposo Dias Carneiro
Christiane Costa Assis
Cíntia Borges Ferreira Leal
Claudia Lambach
Cristiane Wosniak
Eduardo Siqueira Costa Neto
Elias Rocha Gonçalves
Evandro Marcelo dos Santos
Everaldo dos Santos Mendes
Fabiani Gai Frantz
Fabiola Paes de Almeida Tarapanoff
Fernando Andacht
Flávia Siqueira Cambraia
Frederico Menezes Breyner
Frederico Perini Muniz
Giuliano Carlo Rainatto
Gláucia Davino
Hernando Urrutia
Izabel Rigo Portocarrero
Jamil Alexandre Ayach Anache
Jean George Farias do Nascimento
Jorge Douglas Price
Jorge Manuel Neves Carrega
José Carlos Trinca Zanetti
Jose Luiz Quadros de Magalhaes
Josiel de Alencar Guedes
Juvencio Borges Silva
Konradin Metze
Laura Dutra de Abreu
Leonardo Avelar Guimarães
Lidiane Mauricio dos Reis
Ligia Barroso Fabri

Lívia Malacarne Pinheiro Rosalem
Luciana Molina Queiroz
Luiz Carlos de Souza Auricchio
Luiz Gustavo Vilela
Manuela Penafria
Marcelo Campos Galuppo
Marco Aurélio Nascimento Amado
Marcos André Moura Dias
Marcos Antonio Tedeschi
Marcos Pereira dos Santos
Marcos Vinício Chein Feres
Maria Walkiria de Faro C Guedes Cabral
Marilene Gomes Durães
Mateus de Moura Ferreira
Mauro Alejandro Baptista y Vedia Sarubbo
Milena de Cássia Rocha
Mirian Tavares
Mortimer N. S. Sellers
Nígela Rodrigues Carvalho
Paula Ferreira Franco
Pilar Coutinho
Rafael Alem Mello Ferreira
Rafael Vieira Figueiredo Sapucaia
Raphael Silva Rodrigues
Rayane Araújo
Regilson Maciel Borges
Régis Willyan da Silva Andrade
Renata Furtado de Barros
Renildo Rossi Junior
Rita de Cássia Padula Alves Vieira
Robson Jorge de Araújo
Rogério Luiz Nery da Silva
Romeu Paulo Martins Silva
Ronaldo de Oliveira Batista
Susana Costa
Sylvana Lima Teixeira
Vanessa Pelerigo
Vitor Amaral Medrado
Wagner de Jesus Pinto



Vannie Aurin P. da Gama

Sociedade de Tecnológica

Natureza, Modernidade
e os Anos de 2020

Irrigações através da diversa arte
visual contemporânea brasileira



DIALÉTICA
EDITORA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Copyright © 2025 by Editora Dialética Ltda.
Copyright © 2025 by Vannie Aurin Pavelski da Gama.



 /editoradialetica

 @editoradialetica

www.editoradialetica.com

EQUIPE EDITORIAL

Editores

Profa. Dra. Milena de Cássia de Rocha
Prof. Dr. Rafael Alem Mello Ferreira
Prof. Dr. Tiago Aroeira
Prof. Dr. Vitor Amaral Medrado

Coordenadora Editorial

Kariny Martins

Produtora Editorial

Júlia Noffs

Controle de Qualidade

Bruno Silva

Capa

Fabiane Franciscón

Diagramação

Fabiane Franciscón

Preparação de Texto

Miguel Sanches

Revisão

Responsabilidade do autor

Auxiliar de Bibliotecária

Laís Silva Cordeiro

Assistentes Editoriais

Luana Consoli
Ludmila Azevedo Pena
Renata Vieira Pontello

Estagiários

Beatriz Mattos
Rayane de Souza Tavares



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G184s Gama, Vannie Aurin Pavelski da.

Sociedade Tecnológica : Natureza, Modernidade e os Anos de 2020 - Irrigações através da diversa arte visual contemporânea brasileira / Vannie Aurin Pavelski da Gama. – São Paulo : Editora Dialética, 2025. 356 p.

Bibliografia.

ISBN 978-65-270-7551-6

1. Sociedade tecnológica. 2. Relação natureza e tecnologia.
3. Crítica à modernidade. I. Título.

CDD-303

À minha avó, Eliane,

“Tudo é natureza, O cosmos é natureza.
Tudo em que eu consigo pensar é
natureza.”

Ailton Krenak

SUMÁRIO

MANIFESTO ORGÂNICO.....	11
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1	
FUNDAMENTAÇÕES DAS COMUNIDADES TECNOLÓGICAS EM SOCIEDADES MODERNAS.....	33
Ecossistemas tecnológicos.....	43
CAPÍTULO 2	
O OUTRO LADO DO BINÔMIO: A CONTINUIDADE DAS MÍDIAS DAS NATUREZAS.....	135
CAPÍTULO 3	
COMUNIDADES TECNOLÓGICAS: OBSCURIDADES E IMAGINÁRIOS IMODERNOS	187
Desequilíbrios tecnológicos e influência capitalista.....	212
CAPÍTULO 4	
SOCIEDADE DAS LUNETAS	235

Ambiente naturezacultura: questões da Técnica, Tecnologia e mobilidade nas artes visuais	238
Flores Mortas online: pop cuir enquanto parte da diversa arte brasileira contemporânea dos anos 2020.....	276

CAPÍTULO 5

ECOSSISTEMAS DIGITAIS E MATERIAIS: DIVERSIDADE ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA E DEMOCRACIA NO BRASIL.....	289
Crise democrática no brasil, informação e imagem no ecossistema digital	291
Projeto Almartre.....	299
Desafios tecnológicos em sociedades desiguais: o contexto brasileiro.....	319
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	331
REFERÊNCIAS.....	339

MANIFESTO ORGÂNICO

Dominar a natureza. Essa premissa faz parte dos fundamentos, ora explícito e ora implícito da modernidade. Qualquer aproximação entre ser humano e natureza é primitiva, espiritual – e por tanto, falsa – ou de cunho romântico da virgem mãe-natureza. Esta por sua vez, é apresentada enquanto mais uma entidade feminina encarcerada e subjugada por sua rebeldia. Tal perspectiva imposta de natureza, se reflete em nossa criação urbana. Nos meios urbanos, somos condicionados a indiferença à natureza e a sensibilidade. Arrancam-se plantas das ruas, são destruídas – ou podadas – árvores centenárias em vias públicas, que atrapalham a caminhada movimentada na cidade. Mesmo dentro de nossa própria espécie, se ignoram pessoas em situações vulneráveis, desviando a atenção de suas existências para ocuparmo-nos de algo dito como útil – uma continuidade das dominações de classes como da dominação das naturezas. Recolhemos as folhas dessas árvores e as jogamos em lixos, sem nem mesmo lhes dar a opção do apodrecimento que retorne ao solo. Para os lixos se vão também flores inúteis, quando não mais esbeltas aos sentidos humanos, quando ofendem a limpeza estéril das avenidas e calçadas.

Parte da arquitetura da cidade é orientada ao afastamento dos aparentes incômodos da natureza, como no adicionar de tecnologias aos prédios a fim de evitar o refúgio de pássaros em seus vãos, esteticamente característicos de algum espaço-tempo da geografia urbana – Não lhes permitimos adaptação, apenas a empurrada extinção. Espantamos os pequenos animais, que, contrária a obsessão à higiene dum bom ser humano, dum homem, devem ser, geralmente, evitados por serem perigosos, afinal, não estão esterilizados e carregam doenças. Evitados, erradicados, segregados. Seres imundos que, salve quando nossos escravos, talvez,

possam se adaptar, quando bem domesticados, ao cenário moderno. Se bestializam pessoas, se bestializam animais.

Até qual ponto da existência da biosfera podemos forçar tamanhas grades da modernidade? Neoimperialismos, neocolonialismos, ‘trabalhos análogos à escravidão’, – A escravidão moderna –, violência posta enquanto hierarquia de necropolítica entre povos, etnias, gêneros e sexualidades, crises ambientais postas enquanto secundárias por novos territórios a serem explorados, petróleo sugado das veias do tempo terrestre, enquanto queimamos em sua superfície. Os avisos da ciência, da arte e das resistências sociais são comédia frustrada para os olhos do capitalismo carbonífero, das estruturas remanescentes dos interesses das velhas guerras, em ruínas. A prostração diante da necessidade da mudança sistêmica das sociedades humanas frente a si mesma, e consequentemente as naturezas, as políticas, ao que cria e que convive como as tecnologias e a cultura, deve continuar a ser substituída pela ação coletiva, que prossegue fundante dos movimentos filosóficos, artísticos, ativistas e ambientais da história moderna. Nas ‘massas urbanas’ e nas massas das florestanias, nas massas rurais e nas massas digitais, damos forma a terra de carne que pode, enfim, compor a esfera de um futuro viável, que sustente o que é sustentável ao invés de arcaicas estruturas fincadas na manutenção das desigualdades sociais favoráveis a economia estrita aos interesses lucrativos de grandes empresas e Estados belicistas.

Pensem novamente na questão da natureza, desta biosfera que compomos e com ela, a modernidade e suas hegemônicas tecnologias. Encontramos aqui um binômio que constitui conhecimentos ora deterministas tecnológicos, ora ficcionais de uma natureza romântica e imaculada, criando um ambiente de desnecessária tensão entre nós, das sociedades humanas e nossas criações, e a comunidade ecológica de centenas de milhares de espécies. Cria-se e reforça-se um iluminismo da divina humanidade. Deste mito já colhemos problemas suficientes para resolver em conjunto.

Aproximarmo-nos da natureza não nos deslegitima enquanto seres humanos. Fazer parte do processo da natureza não inferioriza as tecnologias, ainda que lhes tire autonomia. Não perpetuar binômios entre Natureza e Tecnologia e, mais à frente de seu caleidoscópio, da relação Natureza e Cultura, não retrocede nem tecnologia nem cultura. Mas, certamente, olhar para tais possibilidades requer abandonar o domínio do Homem como medida afirmativa de seu poder sobre qualquer coisa que julgar recurso por direito. E isto, não é um movimento inventivo, tão

pouco contraintuitivo ou desumano para centenas de milhares de pessoas que em suas diversas áreas de vivência, de pesquisa, de criação e de ação, se relacionam com estes binômios com afetividade, responsabilidade e legitimidade mútuas. Realizadas tais considerações, podemos reescrever o início deste manifesto.

Viver em naturezas. Essa experiência faz parte dos fundamentos, ora explícita e ora implícita das maneiras de viver possíveis num questionável Sul-Global e em outras sociedades, tradicionais ou não, urbanas ou não. Qualquer aproximação entre ser humano e natureza é evidente: vivemos sob leis naturais em comunidade e em ambiente. Relação esta que, muitas vezes, se expande para espiritualidades ancestrais, porém, esta relação não é obrigatória para a vivência em naturezas. É considerado o cunho romântico da virgem mãe-natureza; Gaia é irreverente. O equilíbrio em um ecossistema é feito de ciclos de vida e morte, de interesses individuais e coletivos, de dinâmicas de violências, perdas e controles, e de simbioses, de dependências mútuas, de mistérios e obscuridades, aparentes aleatoriedades e algumas catástrofes. A modernidade prossegue em seu contínuo caráter expansionista de modernização, da expansão absoluta da industrialização, porém, estas automações devem ser revisitadas e questionadas, ao invés de continuamente impostas por meio de políticas conservadoras de um capitalismo carbonífero.

Antes de perturbarmos um ecossistema pela exploração e higienização das espécies, lembremos: Árvores são seres necessários, complexos, a contragosto de muitos botânicos e dum planejamento urbano falho. A madeira, conjunto ao fogo e a roda, são louros carregados ao paleotécnico e, assim, corpo, não mais ser, é material bruto da modernidade. Privamos qualquer regeneração da natureza de fauna e flora que não nos seja rentável. Consumistas viciados, usuários, recolhemos as folhas dessas árvores e as jogamos em lixo, bem como suas flores que jamais poderão se decompor no solo e retornar aos diversos ciclos de qual faz parte. Não alimentará a microfauna, afinal, não é de nossa cultura compreender quaisquer fenômenos diferentes daqueles que nos alimentam diretamente em nossas necessidades criadas por gigantes corporações – estas, que mantêm trabalhos escravos ao redor do mundo, mantendo assim preços baixos para o consumo de algo com vida útil curta, porém pouco reutilizável, ou mesmo nada reutilizável. No manual de árvores brasileiras de Lorenzi, resultado de uma década de pesquisa, com registro de 352 espécies de árvores, logo em seu prefácio, se dirige a nós ao conteúdo do livro, que ainda que taxonômico, é “um livro de árvores é

um livro de poesia. Para compreendê-lo é preciso ouvir os poetas que as veem, ouvem e sentem por sentidos misteriosos e ocultos”. Então, por que as flores mortas seriam úteis?

Ao caso das plantas, das árvores, flores e suas sementes, retomemos a introdução de Lorenzi, em 1992, sem numeração das páginas anteriores ao conteúdo cirúrgico e sistemático seguinte, refere o estudos das árvores como importantes para a questão histórica social do território brasileiro; para a ecologia, visto tanto da questão da flora arbórea brasileira enquanto sendo a mais diversa do mundo – e assim, guardando complexas relações ecológicas em seus biomas de origem – quanto pela conscientização ecológica gerada por estudos da flora nativa, como da importância das florestas e matas para a compreensão das dinâmicas e processos hidrogeológicas do continente; para a economia no Brasil; e por fim, importante para a questão e história cultural brasileira, visto a relação da sociedade com as plantas cultivadas em ruas, praças, jardins e zona rural, além do aprendizado gerado com elas, das dinâmicas que se criam entre nós e as árvores, com populações e comunidades não humanas, como da importância das árvores para a avifauna brasileira – para as milhares de espécies de aves do Brasil.

Tecnologia é oposta a natureza? Tecnologia é ápice do progresso da humanidade, enquanto a natureza é sacra, e deve ser submetida ao homem – pesquisam, propagam. O futuro é sempre minimalista, limpo, silencioso. Natureza é Recurso. Tecnologia é a meta a ser levada para onde pessoas ainda não a conhecem, e por isso não desfrutam do seu potencial. Estão atrasadas, ou, pelo menos, menos eficientes em produtividade do que poderiam ser. Acontece que precisamos de muitos recursos para suprir as necessidades criadas num mundo tecnológico e, agora, precisamos nos preocupar em sustentar esse binômio, ou melhor, nos sustentar ao modo moderno. Sustentabilidade e muitos empreendimento para tal. É um esforço geopolítico.

É um absurdo que tenhamos que mudar a energia se, tivermos que perder qualquer coisa! – Proclamam. É inconcebível qualquer fonte energética que não mantenha o ritmo econômico como a estabelecida pela queima de combustíveis fósseis e, desta forma, sem preservar o lucro, é uma crise sem soluções. Não há solução para sustentar o que vem sendo proposto a ser sustentado, uma relação de tecnologia que, ao subjugar a natureza em nome do progresso da humanidade, expande-se sobre ela e frustra-se com a limitação dessa expansão.

Essa faceta da relação entre Tecnologia e Natureza tratada acima, não esgota todas as maneiras da natureza se relacionar com a tecnologia, e não deveria ser tão poderosa quanto é: Quase que inquestionável, num meio acadêmico ocidental oriundo do pensamento colonial e imperialista, com reflexos em diversas disciplinas. Empurra-se qualquer perspectiva contrária para um espaço de misticismo, fantasia, da não ciência, de desumanidade, e com isso, uma série de ilegalidades que vão do negacionismo científico à preconceitos severos como racismo e intolerâncias da tradição de centenas de povos originários. Há uma superioridade necessária no pensamento da dominação da natureza, como uma provação orgulhosa do antropocentrismo, dum iluminismo atrofiado na modernidade persistente no século XXI.

A existência deste binômio e de sua manutenção, seja na pesquisa acadêmica, no desenvolvimento de políticas públicas ou nas relações culturais de uma sociedade não foi e não é sinônimo de hegemonia permanente, nem na academia e tão pouco fora dela. A literatura acadêmica e a arte, os movimentos populares, algumas iniciativas nas políticas públicas, têm na decolonialidade e em outras maneiras de experienciar a relação natureza e tecnologia, bem como natureza e sociedade e, natureza e cultura, um conjunto de abordagens e perspectivas crítica para compreender essas relações. Matizes incontáveis, com contextos tradicionais ou contemporâneos desobedientes, expressam, em múltiplas linguagens e sentidos, críticas a este pensamento que nos levou ao antropoceno.

Entretanto, criticar este binômio é tarefa difícil, mesmo quando de uma crítica feita com ímpeto global a partir do século XX – há mais de 60 anos. Num ambiente onde parte da fundação da modernidade solidifica-se por antagonias de poder entre dominante e dominável, propor desmantelamentos que não conservam a contraditória vontade humana de exercer alguma divindade por direito, é inconveniente, indesejável e recebida com postuladas censuras e ilegalidades de diversos lados em torno da problemática do sustentável, de como nos relacionados as naturezas e as tecnologias – permeáveis por políticas e pela história cultural.

Como podemos perpetuar uma relação onde qualquer coisa viva é passível da análise imediata da qualidade de ser consumível? E quando inconsumível, removível? Se aves se agrupam aos milhares, como nós, em busca de refúgios de concreto, concluímos que as evitar em florestas de concreto é uma solução... à qual problema? A estética? Aos excrementos? As doenças – discursos que se mesclam aos princípios de sociedades xenofóbicas, temerosas das comunidades diversas. Todos os

animais perdem, expulsam e liberam pedaços de si, elementos, mais uma vez, inúteis. Nossa pele cai ao chão, nossos lixos criam ilhas de problemas irresolutos década após década, no solo, no mar, em órbita terrestre. Ainda assim se evita conviver com algo além do prazer do consumismo a qualquer preço, com políticas de encarceramento para diversas espécies.

Assim como ‘mãe-natureza’ e sua virgindade é um romantismo atrelado ao conto do bom selvagem e outras distorções do pensamento colonial, a perspectiva de ‘Energia Limpa’ e ‘Energia Sustentável’ também são contos confundidos entre si e assim, convenientes aos meios de produção industrial, como tantos outros selos verdes e greenwashings contemporâneos. É sobre consumo, sobre uma maneira de estruturar a exploração do lucro a qualquer custo tanto quanto é sobre a mudança da matriz energética, e ainda assim, neste ano, discute-se a exploração de Petróleo na Amazônia em nome do crescimento econômico. Ou seja, distantes da condição de compreensão de que mudanças virão com perdas, das microescalas como na convivência da arquitetura urbana e a biodiversidade, as microescalas como a deliberada exploração daquilo que deve ser preservado.

O futuro já foi representado no cinema e na literatura como sempre minimalista, limpo, silencioso, uma visão particularmente hierárquica, racista e higienista do que poderia ser um século XXI e seguintes, propagada pelos antigos do primeiro mundo. No ano de 2023, o futuro imaginado num século anterior é muito mais emocional, acumulador, e diversificado em materialidade e imaterialidade – como nas redes sociais e suas culturas – mas, ainda escravocrata, como se pensava que seria. Permanece desigual. Direitos Humanos ainda são secundários, transfobias, xenofobias, opressões de classe são a realidade persistente da maior parte dos países incluindo o Brasil, recordista na violência contra pessoas trans, mulheres, indígenas. Recordes históricos contínuos também caracterizam nossa década de 2020 resultantes da intensificação das crises climáticas. Natureza numa agenda brasileira e global, hoje, ainda é recurso industrial.

Há esperança. A tecnologia não está visceralmente atrelada a indústria. As tecnologias são diversas. Não há solução para sustentar o que tem se tentado sustentar, uma relação de tecnologia que, ao subjugar a natureza em nome do progresso da humanidade, expande-se sobre ela e frustra-se com a limitação dessa expansão de sobreposição. Essa sobreposição é da própria natureza e da tecnologia em um solo comum, diferentemente de uma camada do problema atual do antropoceno.

Quando da transparência, aquilo que é visível em sua obscuridade – uma vez passados de resiliência as ações artificiais da modernidade como a instauração de binômios e dominações coloniais, subjugados pela iluminação do racionalismo exploratório – a função social, a arte enquanto resistência, luta, revolução e emoção, floresce e morre nas teorias da arte e da técnica, expressam-se sazonalmente na esfera pública, digital, ou material, física. Mais uma vez, a aparência dum capitalismo parece atrelada a algo ter uma funcionalidade reduzida ao produto, porém, negligenciar o potencial da organicidade do conhecimento, do povo, e da arte enquanto ações criativas coletivas que revolucionam, constroem símbolo e cultura, é subordinar natureza, arte e tecnologia, a uma aura servil domesticada, enquanto um movimento ardente que é a arte contemporânea brasileira, multimídia em visualidade, física, e digital ocupa os meios-ambientes em florestania e urbanidade – reinventadas ou coexistentes as nostalgias históricas da arte – mas não apenas da arte, mas das sociedades tecnológicas que jamais foram tão orgânicas em seus âmagos.



Figura 2 - “O voo dos Tuiuiús”, Óleo Sobre tela, pigmentos inorgânicos. 50 x 60cm.

INTRODUÇÃO

Este livro é uma versão revisada da dissertação de mestrado, “Sociedade Tecnológica: Natureza, Modernidade e os anos de 2020 - Irrigações através da diversa arte visual contemporânea brasileira”, que foi uma pesquisa interdisciplinar com metodologia mista, quantitativa e qualitativa, bibliográfica, etnográfica e experimental artística, focada no desenvolvimento teórico de estudos críticos em tecnologia, natureza, arte contemporânea e estudos da democracia brasileira. Dada a natureza ampla da pesquisa, esta conta com uma abordagem de densidade quantitativa de autores, temáticas e problemáticas, de forma que o aprofundamento em diversos autores é substituído pelo estudo sintético de cada autor em favor do ganho de extensão dos estudos interdisciplinares da dissertação. Essa escolha é feita de maneira metodológica intencional, buscando aproximação ao cerne de problemáticas da modernidade sistêmica ainda que por vezes incipiente, a considerar as disciplinas originais das quais certas, certos e certas autores pertencem originalmente.

Naturalmente, essa decisão impacta em um recorte que se limita dentro de cada disciplina, como por exemplo na preocupação com o estado da tecnologia desconsiderando a sessão propriamente econômica, de contextos contemporâneos de ausência de transferência de tecnologia, além de outros recortes artísticos sintéticos, para manter a obra manejável no seu tempo de desenvolvimento de dois anos e meio. Ademais, a presente versão comporta o material da dissertação sem as atualizações geopolíticas e culturais da maior parte do ano de 2024 e 2025, então, peço à pessoa leitora que complemente o presente livro com artigos e outras pesquisas posteriores ao ano de 2023, a fim de manter o ritmo contemporâneo da investigação aqui proposta.

Além de buscar observar possíveis sistemas interdisciplinas ao mesmo tempo em que se discute de forma crítica problemas da contemporaneidade relacionados às palavras-chave do texto¹, a presente pesquisa é estruturada de forma a orientar a pessoa leitora por eixos não tradicionais (como às bases *queers* [ou *cuir*s, no português brasileiro], ecológicos decoloniais [ainda que o termo tenha suas tensões teóricas e empíricas]) de apresentação, discussão e conclusões da presente pesquisa. Cada capítulo é intencionalmente construído e apresentado de forma a estabelecer o comum fio condutor da crítica da dissociação e isolamento de conceitos e campos de estudo que, quando unidos, fornecem uma perspectiva teórica – ao mesmo tempo que aplicável (quando das políticas públicas e internacionais) – e histórica auxiliar na composição de possíveis resoluções sociais para questões contemporâneas cultivadas na modernidade. Nomeadamente, o objetivo principal desta pesquisa é visualizar a intersecção dos estudos críticos e culturais das novas tecnologias (ao recorte teórico com ênfase no século XX e XXI), da crise ambiental, da crise democrática das décadas de 2010 e início da década de 2020, aliada ao papel da cultura artística visual brasileira, enquanto dinâmica sistêmica e consequentemente comunitária, ainda que geralmente estudadas aos pares dada a densidade de cada uma dessas associações.

Para tal tarefa, cada capítulo concentra e mobiliza uma dinâmica de composição de autores e autoras que se entrelaçam de acordo com o avançar da pesquisa, priorizando nos debates iniciais aqueles mais negligenciados, no que diz respeito a revisões conceituais históricas e abordagens inventivas das relações entre natureza e sociedade tecnológica, ou da permeabilidade das novas mídias da arte, por exemplo. Se avançará à pesquisa documental e aplicada, que se finda em conclusões de incapacamentos e limitações de pesquisa, aberturas para investigações futuras e problemáticas pendentes, das quais pesquisadores, artistas, sociedade civil, outras humanidades e gestores públicos hão de contribuir, corrigir, aperfeiçoar e retomar as propostas tecidas ao longo dos cinco capítulos e um manifesto apresentados ao longo da presente pesquisa.

Na versão integral da dissertação, disponível no repositório de dissertações e teses da Universidade Estadual de Campinas, o “Manifesto Orgânico” é apresentado ao final da pesquisa, enquanto nesta versão em livro, lhes é apresentado antes mesmo da introdução. Essa escolha contempla sugestões da banca da dissertação, especialmente, do orientador da mesma, o Professor Doutor Rafael de Brito Dias. Assim, haverá ambas

1 Considerando o resumo da presente dissertação.

as versões e, conseqüentemente, possibilitará duas formas distintas de relação entre a pesquisa científica e um manifesto político-poético. Após o manifesto, a obra se divide em cinco capítulos, cada qual possuindo especificidades e mesclas metodológicas, objetivos específicos de introduzir à pessoa leitora problemáticas e leituras críticas sobre conceitos, fenômenos e reflexos contemporâneos das assumpções de cânones e bases anteriores de determinadas áreas de estudo como ciências sociais, ecologia e história cultural tecnológica, apontando para o comum norte das reverberações sociais em nosso tempo, nos primeiros anos da década de 2020.

Para compreender a abordagem geral da pesquisa, de temporalidade e estrutura que desafiam hierarquias presumidas dos embates teóricos apresentados, cabe uma breve introdução da motivação do escrito do Manifesto Orgânico, e da presente pesquisa de maneira estrutural. Enquanto artista, pesquisador e pessoa transexual não-binária, que cresceu sem dispor das regalias de nascer em abastadas famílias herdeiras de um mundo sem preocupações de trabalho e dificuldades inerentes às idades e contextos que se adquirem quando de outras porções da sociedade brasileira, esta pesquisa irá refletir, certamente, um conjunto de vivências nas artes, na academia, nas naturezas, e na própria pele de ser cuir. Persistir em viver mesmo quando as estatísticas dirão que nós, pessoas trans, mais morremos do que alcançamos o ensino superior, ou uma vida artística no Brasil é a primeira motivação para não deixar grandes áreas segregadas em uma pesquisa brasileira de temáticas, talvez, não diretamente atreladas às vivências cuirs, mas, como em Benjamin (2019), são historicamente surrupiadas por nossas culturas e tecnologias na esfera pública opressiva das pessoas humanizadas e daqueles desumanizados.

Ademais, estive igualmente envolvido com o ativismo social e ambiental em minha vida particular e comunitária, tornando tal pesquisa mais do que uma escolha temática à especialidade do programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP, mas uma escolha visceral, de meu diário convívio artístico, em meio às naturezas fragmentadas do sudeste brasileiro; uma escolha de pesquisa como que uma necessidade de exercer um papel social colaborativo, onde cada pessoa pode representar, colaborar com seu grão de terra para as florestas simbólicas e literais que habitamos. Assim, as tintas-críticas são intensas, com degradês complexos e por vezes conflituosos, inacabados, mas que representam uma composição ecossistêmica desenvolvida enquanto uma pesquisa de um artista trans brasileiro, inspirada pela sobrevivência e pela vontade do envolvimento

resiliente em problemáticas contemporâneas das quais eu não poderia me isentar de estudar nos e dos anos de 2020, com o breve espaço de dois anos, mas que há de ser continuada nos anos seguintes.

Minha proposta é, deste modo, a de adentrar relações entre natureza e as técnicas das tecnologias indissociáveis das sociedades, de suas culturas, e das técnicas das artes visuais, revisando e dissolvendo binômios herdados da modernidade que tensionam essas relações – sociedade e natureza, natureza e tecnologia, e natureza e cultura. Para isso, iniciar pela ecologia e por estudos pouco populares se apresenta como um convite de temporalidade orgânica, mesmo que inicialmente pouco funcional ao racionalismo típico de nossos textos, isto é, do iniciar um capítulo focado em natureza, e não em tecnologia, tão pouco em arte contemporânea em um primeiro momento. Reposicionar a natureza em um local primordial de cabeça do corpo da pesquisa é proporcionar à sua fisiologia um ponto de equilíbrio onde o sistema nervoso e os olhos são as matas, seguidos dos membros tecnológicos, a qual realiza seus movimentos pela amplitude cultural artística – à crítica contemporânea. Nas palavras de Haraway, “na paixão e na ação, no desapego e no apego, é isso que chamo cultivar capacidade de resposta; isso também é saber e fazer coletivo, uma ecologia de práticas. Quer tenhamos pedido ou não, o padrão está em nossas mãos. A resposta para a confiança de uma mão estendida: Pense que devemos” (Haraway, 2016, p. 34) alterar os padrões sejam conceituais ou metodológicos para chegar em reflexões diferentes das perspectivas enrijecidas as quais somos submetidos, submetidas e submetidos em uma estrita perspectiva fatalista da modernidade industrial capitalista.

Após três capítulos focados na relação entre sociedade, natureza e tecnologia, o capítulo 4, orientado pela teoria e discussões em natureza e tecnologia dos capítulos anteriores, segue para os estudos culturais e das artes, com enfoque à arte contemporânea brasileira por uma perspectiva social e *queer*. Os estudos culturais continuam, enquanto área do conhecimento, estudos desafiadores por sua extensão contínua no tempo e irregular no espaço: “os estudos culturais, assim, enfatizam a complexidade das questões culturais e apontam a necessidade de serem relacionados às estruturas sociais exteriores ao sistema da mídia e às condições históricas específicas, num processo dialético entre sistema cultura, conflito, e controle social” (Costa et al, p. 105, 2006). Assim, disciplinas que buscam sozinhas compreender seus fenômenos com totalidades conceituais,

estáveis e fechadas, nos mantêm numa espécie de compactação generalista colonial e dicotômica.

Poderíamos nos permitir perdermo-nos – nos desorientar em diferentes graus daquilo que já seguimos em certa roteirização conceitual e metodológica – nos caminhos daquilo que já se sabe por outros textos sem domínios disciplinares restritos, por conhecimentos ora ancestrais, ora contemporâneos, com uma multiplicidade de origens do tecido social. Nas experiências, nas epistemologias, nas revisões que podemos fazer daquilo tido por estabelecido nas ciências sociais, nos estudos das artes e suas histórias, nas naturezas e ecologias, bem como em outros campos do conhecimento que, com seus cânones, e com movimentos outros, são revisitáveis, revisáveis, ao desenho de nossa própria especificidade social, com o efeito paradoxal do estudo que engloba, une, e muitas vezes sistematiza várias das partes que contém um todo sempre incompleto.

No capítulo 5, o enfoque democrático caracteriza a aplicabilidade enquanto projeto da pesquisa. Alguns problemas saltam aos olhos da comunidade internacional nesta década de 2020. Semelhantes são os problemas vividos, em efeito dominó, nas comunidades brasileiras: mudanças climáticas, ascendência do neoliberalismo acompanhado de um conservadorismo refletido em dados quantitativos alarmantes de violência contra a comunidade LGBTQ+, contra a população não-branca nomeadamente, a população negra e às populações indígenas, contra mulheres. Vivemos diferentes efeitos dos problemas e crises do antropoceno, como a epidemia de desinformação, a descrença na eficácia das vacinas durante a pandemia de covid-19 em 2020 com reverberações sentidas ainda hoje durante CPMIs e CPIs e em parte da população brasileira. É neste capítulo que se propõe o Almartre, e ao mesmo tempo, se reflete sobre limitações tecnológicas dispositivas em rede, contextualizando brevemente a desigualdade brasileira em relação ao acesso à informação e expressão cultural. O capítulo é conclusivo em linha da pesquisa de “Sociedade Tecnológica: Natureza, Modernidade e os anos de 2020 - Irrigações através da diversa arte visual contemporânea brasileira”, e segue-se para as considerações finais.

A ciência não tem sido a única ameaçada, mas também as artes, as culturas – partes das identidades –, linguagens, expressões e suas codificações em identidades, representações e articulações das comunidades e populações violentadas, físico e psicologicamente, nos últimos anos – E em suas histórias sociais longínquas, acumulativas. Estes problemas são experienciados na esfera pública física, na esfera pública digital, bem

como têm reverberações nas políticas públicas e nas relações internacionais. Tensões acrescidas e concomitantes, entre demonstrações crescentes de *hardpower* entre Oriente e Ocidente, crises energéticas, mudanças de decisões econômicas estabelecidas com décadas de esforço ocidental, e projetos de lei brasileiros que compactuam com interesses políticos acima dos direitos humanos, como a tese do Marco Temporal avançada nos anos de 2022 e 2023².

Entre as temáticas dos capítulos, buscam-se hipóteses de interligações: Crises climáticas, crises democráticas, crises sociais pelas intolerâncias em uma miríade de formas de relações que já são conhecidas. Essas têm sido objeto de atenção por diferentes pesquisadores, escritores, ativistas, artistas, cientistas, com metodologias mistas e convergentes, divergentes, utilizadas e empregadas para compreender pedaços possíveis de interlocução. Porém, é na dificuldade dos estudos culturais em extensão e complexidade dos elementos envolvidos que, mesmo diante da necessidade de evitar negligenciar fatores e estruturas vitais do processo crítico dentro das culturas, se negligencia por vezes fatores ambientais, ecológicos, tecnológicos críticos, artísticos e das políticas públicas, em favor da compreensão estrita às ciências sociais, econômicas e administrativas – como para o estudo das tecnologias, das técnicas em artes visuais, no impacto da censura às artes para a cultura de grupos e comunidades considerando censuras históricas no Brasil e da atualidade, como compreender os efeitos da cultura dessensibilizada para as questões de conservação ambiental à atenção dos problemas do presente.

Os estudos culturais e de comunicação no Brasil, que integram diferentes disciplinas, começam a estruturar-se no século XX; Anamaria Fadul (1982), que “reconhece a importância dos meios para grupos sociais e políticos que estavam à margem dos centros de poder no continente” (Costa, p. 131, 2006), em um caminho distinto da censura exclusiva dos meios industriais, integra a resiliência popular de massa no ambiente moderno industrial, de forma que é possível estruturar críticas interdisciplinares no século XXI e década de 2020 aos ombros históricos do século anterior na América Latina e no Brasil, motivando o desfecho entre capítulos 1 e 4 da presente dissertação.

2 Nota-se que o presente trabalho, embora publicado em versão livro em 2025, não contempla o desenvolvimento não apenas da tese do Marco Temporal, mas pontos de tensões geopolíticas e sociais vividos em 2024 e parte de 2025. Dessa forma, peço a paciência da pessoa leitora em situar a obra em seu recorte limitado ao final do ano de 2023 com apenas raras menções ao contexto futuro.

Novamente, este trabalho possui uma proposta de integração entre metodologias quantitativas, com pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e mesmo processos criativos e momentos onde texto e imagem podem, eventualmente, encontrarem-se. Complementarmente, podemos apreender pelo título e subtítulo da pesquisa, respectivamente, “Sociedade Tecnológica: Natureza, Modernidade e os anos de 2020 - Irrigações através da diversa arte visual contemporânea brasileira” a estrutura fundante teórica crítica dos binômios e a atenção a questão das tecnologias em contexto social, sem negligenciar a diversa arte visual contemporânea como parte da sociedade tecnológica.

No capítulo 5, por fim, passamos das questões democráticas ao projeto Almarte, uma proposta de exercício imaginativo projetual, que propõe a reflexão de um banco de dados interativo, gratuito e livre para qualquer pessoa brasileira adicionar através de fotografias obras de arte contemporânea em vias públicas ou acessíveis de maneira gratuita através de fichas técnicas orgânicas, voláteis e efêmeras, sem sofrerem curadorias de instituições culturais já estabelecidas ou mesmo de coletivos independentes: o foco é o compartilhamento democrático participativo e facultativo entre público e obra, o que já acontece no ambiente digital, mas, no apresentado piloto, aconteceria no ambiente híbrido digital e físico-material, do espaço das cidades, e das zonas rurais. A escolha do projeto encontrar-se ao final da pesquisa é precisamente a importância de revisão, fundamentação e apresentação teórica interdisciplinar para a compreensão do papel da cultura e o potencial do diálogo e compartilhamento da imagem da arte no ambiente social, ambiente este tecnológico e natural a ser apresentado com o Almarte considerando tensionamentos evidenciados ao longo da pesquisa.

Nas questões da teoria da comunicação ao recorte da América Latina, pertinentes durante os capítulos 3 ao 5 da pesquisa, em Costa et al (2006), se entrelaçam os desafios das crises econômicas a democratização no século XX, como ao cenário onde as práticas culturais puderam florescer e diversificar-se em ramificações diversas, inclusive aquelas resultantes das hibridizações culturais e inferências internacionais na cultura nacional. Enquanto introdução metodológica e bibliográfica geral da pesquisa às pessoas leitoras, expressei que a escolha da bibliografia pode deixar de contemplar leituras esperadas em cada campo abordado na composição da pesquisa. Houve, todavia, a tentativa de uma busca por equilíbrio dinâmico – acionado aos desequilíbrios e conflitos – entre referenciais teóricos canônicos aos formatos bibliográficos temáticos dos

anos de 2020 em pesquisa ocidental das humanidades em universidades de ensino superior, e em referenciais ascendentes, divergentes ao pensamento estrutural estabilizado, visto a necessidade propositiva da pesquisa em abrir espaço para a inserção de referenciais diversos para abordagens dicotômicas, binominais de teorias e conceitos solidificados como Natureza – Sociedade, Natureza – Tecnologia, Homem – Mulher, Animal – Humano, Arte – Artesanato, Arte – Ciência, Real – Virtual, dado um percurso parcialmente decolonial. Parcialmente, pois por vezes tópicos e capítulos trazem autores europeus modernos de fundação de determinados tópicos em diálogo com autores do Sul Global especialmente aos desenhos teóricos do século XIX e XX, sejam estes acadêmicos ou não, mantendo uma rede colaborativa entre passado teórico e suas tradições científicas humanas e às perspectivas epistemológicas outras.

Begon e Harper (1990) compartilham conosco sobre a difícil escolha de por onde deve-se começar um trabalho; como para explicar o funcionamento de um relógio, onde talvez não faria sentido explicar o todo e depois suas partes, ou primeiro suas partes e sua função no todo do ‘mecanismo’. É uma pergunta pouco frequente, referente a escolha dos começos, e isso dificulta e restringe muito dos possíveis recortes temáticos. Como já apresentado, iniciaremos pela natureza e pela tecnologia. Não são escolhas óbvias, tão pouco ritualísticas também em classificação. Wohlleben (2015), por sua vez, nos pergunta: “uma árvore que cresce em cima de um toco, ainda é uma árvore? Mas e um toco que vive sem seu tronco, ainda é uma árvore?” (Wohlleben, 2015, p.78), isto é, perguntar aquilo que já há muito não perguntamos ou questionamos é retornar a um lugar de conceitualização fechada, bem estabelecida na comunidade científica e administrativa, e questioná-lo, percorrê-lo novamente, deixando de admitir sua aparente conclusão.

Daí reside a natureza crítica da presente pesquisa: questionar os conceitos que, quando na dimensão aplicada, já não estudamos para o fim de criar alterações aplicáveis pela teoria, da teoria inventiva; teorizamos para a teoria e se aplica para a aplicação, entretanto, em sistemas interdisciplinares, questionar os conceitos e revisá-los, ainda que seja a estrutura de uma árvore ou o que é a tecnologia, a técnica, nos leva a diferentes respostas e diferentes problemas estruturais insistentes no cenário contemporâneo, visto o posicionamento teórico de que o contexto histórico há de influenciar as delimitações conceituais do fenômeno, objeto e evento observado, estudado e experienciado.

Vejamos algumas das possibilidades de questionamentos ou necessidades de atenção ao estudo suscitadas pela pergunta: “*como as tecnologias sociais poderiam ser uma ferramenta auxiliar de acessibilidade à diversa arte contemporânea visual brasileira?*”, ou, em sua crítica, “*como a diversa arte visual contemporânea brasileira dialoga com a relação entre naturezas (em recuperação) e sociedade tecnológica?*”. Questionamentos como este sugerem a reflexão da própria ferramenta, da mídia, da tecnologia, da diversidade em uma arte contemporânea ainda envolta, talvez mais do que nunca, numa aura técnica e na agregação neoliberal hereditária moderna de sua significância estrita e contrária ao popular – Questões de acesso à informação brotam ao lado de brotos dos problemas das linguagens da própria arte e da própria concepção do espaço diverso brasileiro.

Destrinchar e o revisar de conceitos hegemônicos como da “Tecnologia”, são questionamentos que precedem os demais elementos da problemática das naturezas orgânicas, da qual será proposta uma perspectiva teórica menos dependente do eclipse industrial e da modernidade para compreender as tecnologias antes da dedicação a especificação da tecnologia social. Questões como o lugar, o sentido e as formas da Arte Contemporânea Brasileira ocupam debates teóricos e da história da arte brasileira para que se proponha desenhos e caminhos da arte em sociedade enquanto arte com função social, em uma sociedade diversa em gênero, raça, linguagem, geografia, sensibilidade e técnica. O recorte da arte visual se dará e justificará pela diferenciação entre os estudos dos demais grandes eixos da arte em sociedade, por não se tratar de um estudo que abranja reflexões nas artes sonoras, por exemplo, ou não apresente um enfoque na experiência física do, como veremos no capítulo 3 e 4; há a contextualização crítica da questão das linguagens da arte no debate da técnica, à abordagem de um ambiente tecnológico anterior à era industrial e posterior à mesma, na era da informação.

Um ponto de início que é incorrespondente à linearidade dum desenvolvimento progressivo em alguma ordem de grandeza, similar a um dossel tropical para olhos diurnos, é tida como um estar entre espaços, ainda que em contato constante com as copas e com o solo. É de importante orientação para leitoras e leitores se familiarizarem com os elementos de cada capítulo e compreender, à sua maneira, as relações entre eles com o construir dos capítulos posteriores e suas mudanças de enfoque temático entre e transversal à diferentes disciplinas. Teremos, vocês e eu, diferentes perspectivas dessas relações e ‘ordem’ proposta dos

capítulos e seus conteúdos, como as próprias imagens de obras de arte apresentadas no caminho.

Para percorrer a trajetória da presente pesquisa, iniciamos pelo capítulo de apresentação focada em ecologia e que irá, nos capítulos 2 e 3, tensionar em aprofundamentos e enfoques interdisciplinares as dicotomias canônicas da natureza e sociedade, natureza e cultura, e natureza e tecnologia. Estes capítulos são uma imersão em estudos ecológicos em fauna e flora, com entrelaçamentos críticos tropicais e temperados, e propositivos culturais em direção ao enfoque nas tecnologias, técnicas e modernidade. Tecnologias, no plural, e algumas cisões entre industrial e as demais tecnologias, compreendendo obras anteriores dos estudos críticos em tecnologia como de períodos e fases tecnológicas (não deterministas nem eliministas), tecnologias conviviais de Illich (1973), socio-técnicas e as máquinas, redes tecnológicas e imaginários, que compõe e fundamentam as comunidades tecnológicas. Obras de trabalhos de campo de espécies e seres são entrelaçados e que irrigam estes capítulos são: os pássaros Tuiuiús, os paleoterritórios de Oliveira (2007), as Árvores de Wohlleben (2015), e os cogumelos de Tsing (2015), apresentando algumas relações ecológicas entre as naturezas; ambos os capítulos então carregam sedimentos da terra antes de sua correspondência ao ferro, carvão e eletricidade, com um enfoque em outras espécies que não a nossa, num gesto contrário ao antropocentrismo do tratamento das questões relativas à natureza, tecnologia e posteriormente, das culturas.

Após os ecossistemas tecnológicos formarem a base da pesquisa, adentramos campos da diversidade artística e social. A técnica é direcionada à tecnologia da arte, das técnicas artísticas de contextos históricos da arte visual brasileira, um essencial elemento aglutinador entre as questões da tecnologia da informação, cultura e imagem no ambiente estudado no capítulo anterior de natureza e sociedade tecnológica. Com considerações artísticas e de seus processos criativos, e, sobretudo, de técnicas em diferentes temporalidades e diversidades, a dimensão pública é posicionada, considerando auras artísticas e segregações culturais dos espaços sociais e institucionais e da arte fora dos museus. Se discutirá a construção da técnica de arte que, em sua pluralidade, se relaciona na rua, na tradição, no meio digital, e nas novas validações técnicas que são, também, expressões individuais e de comunidades resilientes que constituem o espaço social e cultural, entrelaçado a questão da tecnologia do capítulo anterior e nos proporcionando uma nova camada de sedimento para o capítulo seguinte das políticas públicas e da proposta do projeto

Almarte, bem como das conclusões de alguns desafios postos pelas novas tecnologias em sociedades desiguais.

O último capítulo, por fim, engaja então com o acesso artístico em sua relação política histórica em democracia, das censuras, tópico este novamente contemporâneo com as novas tecnologias e redes sociais que carregam volumes gigantescos de informação visual, acessibilidades da informação e desafios sociais ao contexto brasileiro. A arte enquanto essencialmente inútil, tornando-a indispensavelmente sublime, é uma perspectiva de estudo perpetuada por diversos autores da área da história da arte e da estética, porém, neste trabalho, a arte é a arte social, da comunicação e dos estudos culturais. A arte que expõe sua funcionalidade social, assim como a tecnologia social em contraste com a tecnologia convencional (ao texto de Dagnino [2010]), são opostas ao atrelamento em função do sistema capitalista vigente e assim, requerem revisões críticas de novas possibilidades de observação e reposicionamento no ecossistema social.

Conclusivamente, retomando um ponto do capítulo 5, é seu aspecto histórico das relações políticas com a cultura, focado na relação com as artes no Brasil, preocupa-se em observar as oscilações da censura em sua manifestação histórica: entre ditadura militar e era da informação focada nas décadas de 2010 e 2020. A cultura que é censurada para fins políticos de conflitos de dominação como evidenciados em pesquisa documental, como por entre grandes guerras e ditaduras, muito se arma do abafamento artístico e digital comunitário, numa tentativa de asfixiar as expressões de grupos que representem diversidade cultural e expressões contra pensamentos conservadores, das quais incluem dimensão política, de consumo, e de relação aos ambientes – em ênfase ao enfrentamento das crises ambientais.

Tal dinâmica traz à tona a importância de estudos como os apresentados na presente pesquisa, num momento de instabilidade política nacional, onde casos como as artes visuais para movimentos LGBTQ+ e indígenas refletem em posições de políticas públicas, da construção de símbolos permitidos ou oprimidos num Brasil artisticamente diverso. A notável presença da democracia para a alimentação da diversidade cultural e de sua expressão e sua convivência com as censuras técnicas estão, também, atreladas ao potencial de recuperação ambiental que podemos alcançar – Distante das ditaduras e do ponteiro neoliberal em ascensão nos últimos anos no mundo contemporâneo. Temer o desconhecido, e assim, oprimir o desconhecido, do sensibilizar quando é conhecido, é